



António Jácomo

## OPINIÃO

# A simplicidade de uma *checklist* para a saúde

22 de Julho de 2015, 9:59

A crise económica por que estamos a passar veio chamar a atenção para os custos em saúde. Ao contrário daquilo que acontece hoje, este tema foi tradicionalmente relegado para a esfera de actuação dos administradores hospitalares.

Atul Gawande, médico e jornalista norte-americano, sintetiza a causa deste problema: a complexidade resultante do progresso científico. Para chegar a esta conclusão recua algumas gerações, a uma época em que médico escritor Lewis Thomas escreveu o livro *The Youngest Science*. O que os médicos tentavam, nessa altura, era fazer um diagnóstico para que pudessem depois fazer qualquer coisa.

Foi nessa altura que nasceu um modelo de medicina: os médicos deveriam ser bons no que faziam. Era uma vida de artesão. O resultado foi uma ideia de medicina à volta de um conjunto de valores assente naquilo em que os médicos eram bons: ousadia, coragem, independência e autossuficiência.

Hoje o mundo é totalmente diferente. Descobrimos agora tratamentos praticamente para todas as dezenas de milhares de doenças. Não podemos curá-las todas. Não podemos garantir que todos viverão uma vida longa e saudável. Mas podemos torná-la possível para uma maioria.

No ano de 1970, eram precisos pouco mais de dois clínicos a tempo inteiro. Isto quer dizer que o trabalho era basicamente de enfermagem. Nos finais do século XX, havia mais de 15 profissionais para o mesmo paciente hospitalar entre especialistas, fisioterapeutas e enfermeiros.

Agora os médicos são todos especialistas, mesmo os clínicos de medicina geral e familiar. Neste contexto, cada um tem apenas uma parte do tratamento.

Mas, quando olhamos para os exemplos dos modelos que estão a obter os melhores resultados com os menores custos, descobrimos que os que têm maior êxito são os que mais se assemelham sistemas assentes na excelência.

A medicina tem andado obcecada com os componentes. Queremos os melhores medicamentos, as melhores tecnologias, os melhores especialistas, mas não pensamos muito sobre como é que tudo se reúne. Esta é uma péssima estratégia de planeamento.

Porém, um sistema necessita de certas condições para funcionar:

A capacidade de reconhecer o sucesso e a capacidade de reconhecer o fracasso. Um “especialista”, não consegue ver muito bem o resultado global final.

Encontrar soluções. A tática habitual para enfrentar este problema é responder com mais formação, dar maior especialização às pessoas ou introduzir mais tecnologia. Contudo, vemos níveis excessivos de morte e de incapacidades que podiam ser evitados. É necessário olhar para os exemplos das actividades que representam maior risco e especialização fora da medicina. Estas indústrias têm tecnologia, têm formação, e têm uma outra coisa: uma coisa tão simples como *checklists*. Mas poder-se-á elaborar uma *checklist* em saúde? Uma *checklist* pressupõe pensar em coisas com muito pormenor. Precisamos de identificar os momentos num processo em que podemos detetar um problema antes que seja um perigo. Uma *checklist* da aviação, por exemplo, não é uma

receita para pilotar um avião, é uma chamada de atenção para as coisas cruciais que ficam esquecidas ou perdidas se não forem verificadas.

E isso leva-nos à terceira condição: a capacidade de implementação de conseguir que colegas, ao longo de toda a cadeia, utilizem efetivamente esta *checklist*.

Fazer com que os sistemas funcionem é tarefa da comunicada terapêutica, iluminada pela reflexão Bioética. Mais, fazer com que os sistemas funcionem, tanto na saúde como em outras áreas, é a grande tarefa da nossa geração. Em todos os campos, o conhecimento disparou, mas trouxe consigo complexidade, trazendo consigo especialização. Chegámos a uma altura em que não temos alternativa senão reconhecer, por mais individualistas que queiramos ser, que a complexidade exige o sucesso do grupo.

**Docente do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, no Porto. O autor escreve segundo o Acordo Ortográfico.**

Investigador do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, no Porto